



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO MODO DE VIDA CAMPONÊS

Rodrigo Simão Camacho¹

Resumo

O objetivo deste artigo é o de construir - por meio de revisão bibliográfica e de fontes orais retiradas de entrevistas com camponeses - uma análise do modo de vida camponês que se reproduz a partir da relação terra-família-trabalho. A maneira particular com a qual o camponês se relaciona com a sociedade, a partir da combinação de vários elementos, lhes dá uma condição social que nos permite identificá-lo como um "**modo de vida**". Com relação aos camponeses, existem categorias nucleantes que são notadas em todas as suas sociedades. Estas categorias são: **terra, família e trabalho**. Nas sociedades camponesas formam-se um **modelo relacional** entre estas categorias. Estas não são compreendidas como categorias mercadológicas, conferindo ao campesinato o *status* de um modo de vida não tipicamente capitalista.

Palavras-Chave: Campesinato. Modo de Vida. Trabalho Familiar

SOME CONSIDERATIONS PEASANT WAY OF LIFE

Abstract

*The purpose of this article is to build - by means of bibliographical review and oral sources from interviews with peasants - an analysis of the peasant way of life that reproduces itself from the relation-earth family-work. The particular manner in which the peasant is related with the society, from the combination of various elements, it gives them a social condition that allows us to identify him as a "way of life". With respect to the peasants, exist are nucleants categories which are observed in all their societies. These categories are: **land, family and work**. The peasant societies formed a **relational model** between these categories. These are not comprehended as market categories, conferring on the peasantry the status of a typically non-capitalist way of life.*

¹ Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) de pós-doutorado no programa de pós-graduação em Geografia da UFMS – Três Lagoas-MS. Membro do Grupo de pesquisa "Estudos Agrários"- UFMS. Email: rogeo@ymail.com.



Keyword: Peasantry. Way of Life. Family Work

ALGUNAS CONSIDERACIONES CAMPESINO FORMA DE VIDA

Resumen

*El propósito de este artículo es la construcción - a través de revisión de la literatura y las fuentes orales de las entrevistas con campesinos - de un análisis de la manera de vida campesina que se reproduce a partir de la relación tierra-familia-trabajo. La forma particular en que el campesinado se relaciona con la sociedad, por medio de la combinación de varios elementos, les da una condición social que nos permite identificar-los como una "manera de vida". Con relación a los campesinos, existe una nucleación categorías que se señalan en todas sus sociedades. Estas categorías son: **la tierra, la familia y el trabajo**. Las sociedades campesinas se forman por medio de un **modelo relacional** entre estas categorías. Estos no están incluidos como categorías de mercado, dando el campesinado un status de una manera de vida no típicamente capitalista.*

Palabras-Clave: Campesinos. Manera de Vivir. Trabajo Familiar

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é o de construir - por meio de revisão bibliográfica e de fontes orais retiradas de entrevistas com camponeses² - uma análise do modo de vida camponês que se reproduz a partir da relação terra-trabalho-família.

Com relação à metodologia, fizemos uma revisão bibliográfica sobre o assunto em diálogo com as fontes orais coletadas em trabalho de campo. Fizemos 04 trabalhos de campo relacionados ao Curso Especial de Graduação em Geografia (convênio INCRA/PRONERA/UNESP/ENFF). Neste curso, entre os anos de 2007 e 2011, estudaram camponeses-assentados militantes dos movimentos socioterritoriais, em sua maioria, ligados a Via Campesina, em regime de alternância na UNESP em Presidente Prudente/SP e na Escola Nacional Florestan Fernandes em Guararema/SP. Nestes trabalhos de campo,

² Para não haver necessidade de uma autorização formal por parte dos entrevistados, optamos por não utilizar os nomes dos camponeses entrevistados no artigo, para isto, substituímos pela letra inicial do nome.



coletamos nossas informações por meio da observação participante e por meio de fontes orais advindas das entrevistas com questionário semi-estruturado. No total foram 41 camponeses-estudantes do Curso entrevistados. Apesar da abordagem em nossa pesquisa de doutorado ser mais ampla, estabelecendo a relação do campesinato com a Educação do Campo, para este artigo, utilizamos as questões que foram dirigidas aos camponeses que tratavam especificamente da definição do modo de vida camponês.

A maneira particular com a qual o camponês se relaciona com a sociedade, a partir da combinação de vários elementos, lhes dá uma condição social que nos permite identificá-lo como um “**modo de vida**”. O campesinato é marcado pela **flexibilidade** de adaptação com a finalidade de reproduzir material e culturalmente, o seu **modo de vida**. Este **modo de vida camponês** não é tipicamente capitalista, pois não tem como fundamento principal a **acumulação**, mas sim a **ajuda mútua**, característica que marca as comunidades camponesas. O princípio fundamental do campesinato é a **reprodução material e cultural familiar**, por meio da produção para subsistência e a venda do excedente dessa produção.

Apesar de cada cultura possuir categorias centrais específicas, com relação aos camponeses existem categorias nucleantes que são notadas em todas as sociedades camponesas. Estas categorias são: **terra, família e trabalho**. Isto significa que no que concerne ao campesinato não é possível pensar estas categorias de maneira independente, pois uma complementa a outra. Esta é a diferença de quando encontramos estas mesmas categorias comuns em culturas urbanas. Fazendo, deste, então, um modo de vida específico. Nas **sociedades modernas-capitalistas**, terra, família e trabalho são categorias pensadas **separadamente**. São pensadas em si mesmas. A **terra** não tem relação com a família e com o trabalho, tendo em vista que a mesma é uma coisa ou **mercadoria**. Enquanto as sociedades camponesas formam um **modelo relacional** entre estas categorias. Por isso, elas se constituem enquanto um modo de vida não-capitalista.



1-O MODO DE VIDA CAMPONÊS: TERRA-FAMÍLIA-TRABALHO

*Madrugada camponesa
Faz escuro ainda no chão
Mas é preciso plantar.
A noite já foi mais noite,
A manhã já vai chegar.*

Thiago de Mello³

"[...] podemos concebê-lo como sujeito criador de sua própria existência". (CHAYANOV, 1974. 133).

No Brasil, o conceito de camponês adquire um lugar de destaque nas ciências sociais concomitantemente à afirmação dessa **identidade política** em esfera nacional. É neste período que surgem as **ligas camponesas** que se contrapõem a desigualdade do modelo agrário nacional que se baseava na grande concentração de terra e na precarização das relações de trabalho no campo (MARQUES, 2008a). Antes desse período de formação de uma identidade política, o campesinato era reconhecido por "[...] denominações locais próprias conforme a sua história e sua região de origem como: **caipira** em São Paulo, Minas Gerais e Goiás; **caiçara** no litoral paulista; **colono ou caboclo no sul** – dependendo de sua origem, se imigrante ou não". (MARQUES, 2008a, p. 60, grifo nosso).

Do ponto de vista econômico, a produção camponesa pode ser pensada como uma relação social não-capitalista por que significa uma forma de produção/circulação de mercadorias simples. Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1986) explica que na produção camponesa, uma parte da produção é subsistência e o excedente é comercializado sob a forma de mercadoria. Este processo significa uma forma simples de produção/circulação das mercadorias porque a transformação de mercadorias em dinheiro ocorre com o objetivo apenas de adquirir outras mercadorias necessárias à satisfação de suas necessidades.

Na propriedade camponesa, os instrumentos de trabalho pertencem ao próprio trabalhador. A terra é propriedade do trabalhador e ela é o seu meio de

³ Poema: Madrugada Camponesa.



produção, não é, portanto, instrumento de exploração. São elementos estruturais da produção camponesa: **a força de trabalho familiar**, a família camponesa funciona com um trabalhador coletivo; **a ajuda mútua**, entre essas práticas está o mutirão ou troca pura e simples de dias de trabalho entre eles; **a parceria**, o camponês ao contratar um parceiro, divide com ele custos e ganhos (OLIVEIRA, 1986).

O campesinato é marcado pela **flexibilidade** de adaptação com a finalidade de reproduzir material e culturalmente, o seu **modo de vida**. Este **modo de vida camponês** não tem como fundamento principal a **acumulação**, mas sim a **ajuda mútua**, característica que marca as comunidades camponesas. O princípio fundamental do campesinato é a **reprodução material e cultural familiar**. Esta é a direção que condiciona as estratégias de sobrevivência camponesa, não é a lógica do capital que atua como organizadora da unidade do campesinato, pois o mesmo possui a sua própria lógica de reprodução.

A flexibilidade de adaptação, o objetivo de reproduzir o seu modo de vida e não o de acumulação, o apoio e a ajuda mútua encontrados nas famílias e fora das famílias em comunidades camponesas, bem como a multiplicidade de soluções encontradas para o problema de como ganhar a vida são qualidades encontradas em todos os camponeses que sobrevivem às crises. E no encontro dessas **particularidades camponesas**, está a natureza da economia familiar. (SHANIN, 2008, p. 25-26, grifo nosso).

Esta particularidade com a qual o camponês se relaciona com a sociedade, a partir da combinação de vários elementos, lhes dá uma condição social que nos permite identificá-lo como um “**modo de vida**”. Este é o primeiro elemento de sua conceituação.

Eu acho que uma das características principais do campesinato é o fato de que ele corresponde a um **modo de vida**, a uma combinação de vários elementos. Somente após compreendermos que se trata de uma combinação de elementos e não de algo sólido e absoluto é que começamos a entender realmente o que ele é. Porque, se procurarmos uma



realidade fixa, não vamos encontrar isso no campesinato. (SHANIN, 2008, p. 34, grifo nosso).

Segundo C, militante do MST, morador da Gleba XV de novembro no Pontal do Paranapanema/SP, o camponês é todo aquele que tem um pedaço de terra, e tira uma parte de seu sustento e de sua família dela. Vive de seu próprio esforço junto com sua família. Seja por meio da agricultura ou da pecuária. Relata que no seu assentamento a maior parte das famílias vive da venda do leite.

Eu acho essa questão do camponês, que muitos teóricos aí, muitos estudiosos tem varias concepções, tem vários conceitos do que é camponês. *Pra mim camponês são todos aqueles trabalhadores e trabalhadoras que mora e detém o seu pedaço de terra.* Então acho *todos nós que moramos no campo e que mexemos com a terra, tiramos uma parte do nosso sustento dessa terra e vivemos ali com nossa família, esses são pra mim, pra mim são camponês*, porque são pessoas que lida diretamente com as relações sociais, que lida com as relações do campo e que lida com... seja agricultura, seja mais a pecuária leiteira, por mim essas pessoas são camponês. E lá no meu assentamento, por exemplo, que é a Gleba XV de Novembro, [...] 84% tem sua renda principal tirando o leite das suas próprias vacas pra poder sobreviver, então *“véve” do seu trabalho, “véve” do seu esforço junto com a sua família* [...]. (ENFF, Jul. 2010).

O camponês já é *a priori* um **modo de vida**. Como explica Teodor Shanin:

[...] uma definição derivada da antropologia clássica, produzida pelo antropólogo chinês Fei Hsiao – Tung [...]: **“campesinato é um modo de vida”**. Daí, o quanto este “modo de vida” pode dar origem a uma **classe**, é uma questão que depende das **condições históricas**. Podemos definir isso ao analisarmos as circunstâncias e verificarmos se eles lutam ou não lutam por seus interesses, então, sabemos se é uma classe ou não. Mas, em todas as condições, **quando luta ou não luta, o campesinato é um modo de vida**, e isso é essencial para compreendermos a sua natureza. [...]. (SHANIN, 2008, p.37, grifo nosso).



Esta especificidade do campesinato de ser um **modo de vida** decorre da interdependência entre quatro características encontradas em camponeses de diversos contextos de tempos e espaços. Estas características são:

[...] **o cultivo da terra; a unidade de produção familiar; a comunidade de aldeia como unidade básica de organização social e sua posição como classe mais baixa da sociedade.** Porém, o cerne ou raiz de suas características determinantes está na natureza e dinâmica da **unidade de produção rural familiar**⁴. (SHANIN *apud* MARQUES, 2008b, p. 51, grifo nosso).

Para Teodor Shanin, o elemento fundamental que dá a especificidade ao campesinato é a natureza de sua **economia doméstica**. A mesma é bem distinta das outras duas formas existentes, a **economia estatal** e a **economia capitalista**. Em suas palavras: “[...] A economia familiar é um elemento mais significativo para compreendermos quem o camponês é do que um modelo geral de campesinidade”. (2008, p. 34).

A **economia familiar** tem seus próprios modelos, suas próprias estruturas e seu próprio significado primordial que não desaparece. Por isso, sob certas condições, **a economia camponesa é mais eficiente** do que economias não-camponesas. Os membros da família e o modelo familiar básico de bem-estar econômico estão envolvidos de forma particular num sistema de uso do trabalho que **não é trabalho assalariado**, mas **trabalho familiar**. Daí a sua capacidade para resolver problemas que outros tipos de economia não resolveriam de uma maneira tão eficaz e pouco dispendiosa. (SHANIN, 2008, p. 27, grifo nosso).

A autonomia da economia familiar foi incompreendida historicamente, tanto pelo Estado **capitalista** quanto pelo Estado **socialista**. Principalmente, pelo fato dos mesmos terem a capacidade de suprir suas necessidades alimentares. Com relação a sua capacidade de suprir as necessidades alimentares, o **gado** sempre teve uma função primordial na economia

⁴ “A ênfase dada por Shanin à centralidade da unidade de produção familiar na definição do camponês revela o seu comprometimento com o pensamento econômico russo da Escola de Organização e Produção, que tem em Alexander Chaynov um de seus principais expoentes”. (MARQUES, 2008b, p. 51).



camponesa **como mecanismo de reserva**. É mais uma das estratégias que a **flexibilidade** camponesa construiu com seus saberes para permitir sua reprodução familiar. Esta estratégia não tem a intenção de produção de capital, mas de reprodução de sua condição social de camponês, melhorando as suas condições de vida. Garantindo que nas épocas de crise a venda do gado consiga fazer com que eles paguem as dívidas e, assim, não seja expropriado. A criação do gado pode ser entendida como um mecanismo de defesa contra a **expropriação do capital** (ALMEIDA, 2006a).

Sem ter a intenção de propiciar a acumulação capitalista, então, o gado e a lavoura formam o binômio **roça-criação**, no qual se caracteriza a **economia familiar camponesa**. Essa relação é tão estreita que não há como separar agricultores e criadores, pois a produção camponesa é a união desse binômio. Dessa forma, o gado seria uma espécie de poupança a ser usada nos momentos de crise. Tendo dupla função: podendo ser usado como forma de **renda** ou como **alimentação** (WOORTMANN *apud* ALMEIDA, 2006a).

A economia familiar por não ser capitalista tem como componentes uma série de elementos importantes para pensarmos o modo de vida camponês como uma relação não-capitalista. A começar pela característica de que as propriedades camponesas “[...] são unidades familiares onde todos os integrantes em idade e com condições de fazê-lo exercem algum tipo de trabalho”. (BRANDÃO, 1999, p. 37).

O campesinato constrói suas relações sociais subdivididos em pequenos grupos domésticos/familiares. Logo, as suas necessidades de subsistência são supridas por meio do trabalho praticado pelo próprio grupo familiar. Estas necessidades são supridas pelo consumo familiar da produção e pela venda do excedente. Assim, para o “[...] **grupo doméstico** que são também, ao longo de seu ciclo de vida pequenas equipes corporadas cujo trabalho deve a cada ano produzir pelo menos para o **consumo familiar** e a **cota de excedentes cuja comercialização complementa a sua própria subsistência** [...]”. (BRANDÃO, 1999, p. 43-44, grifo nosso).



O melhor período para a família camponesa é quando os filhos alcançam uma idade em que conseguem trabalhar na mesma proporção que seus pais. Analisando a partir do **balanço trabalho-consumo**, é quando os filhos deixam de ser “bocas” e viram “braços”. Neste período, ocorrem as divisões das responsabilidades da reprodução do grupo familiar com os pais. De maneira geral, os meninos ficam responsáveis por auxiliar no trabalho de plantar, de colher e de cuidar do gado e às meninas ajudam nos afazeres em casa e no quintal.

[...] Melhores os períodos em que os filhos e filhas podem começar a ser convocados ao trabalho doméstico e dividem com os pais os encargos da reprodução da vida do grupo. Melhores ainda os tempos em que, entre adolescentes e jovens solteiros, os filhos não apenas ajudam os pais, mas realizam com eles a plenitude do próprio trabalho; filhas beneficiam alimentos, cozinham, lavam roupas, cuidam de irmãos menores, limpam a casa e cuidam das alquimias do quintal; filhos ordenham vacas, tratam do gado, lavram a terra, semeiam, fazem à limpa, colhem e participam também dos muitos e não raros difíceis serviços de reparos de material de trabalho ou da própria residência. (BRANDÃO, 1999, p. 43-44).

Contribuindo no sentido de pensar o modo de vida camponês, de acordo com Klass Woortmann (1990), apesar de cada cultura possuir categorias centrais específicas, com relação aos camponeses existem categorias nucleantes que são notadas em todas as sociedades camponesas. Estas categorias são: **terra, trabalho e família**. Isto significa que no que concerne ao campesinato não é possível pensar estas categorias de maneira independente, pois uma complementa a outra. Esta é a diferença de quando encontramos estas mesmas categorias comuns em culturas urbanas. São estas categorias nucleantes valores e princípios que definem sua organização. Estes valores como a **honra e a hierarquia** se opõem as sociedades modernas de mercado. Teríamos uma lógica não mercadológica que condiciona a reprodução camponesa. Poderíamos dizer que existem duas lógicas distintas que se confrontam, ou seja, o campesinato representa uma **ordem moral** que se contrapõem a uma **ordem econômica**. Logo, **terra,**



família e trabalho são categorias que se articulam “[...] a valores e a princípios organizatórios centrais, como a **honra e hierarquia**. Pode-se opor esse tipo de sociedade às **sociedades modernas, individualizadas** e voltadas para o **mercado**: em outras palavras, pode-se opor uma **ordem moral a uma ordem econômica**. [...]”. (1990, p. 23, grifo nosso).

Nas **sociedades modernas-capitalistas**, terra, família e trabalho são categorias pensadas **separadamente**. São pensadas em si mesmas. A **terra** não tem relação com a família e com o trabalho, tendo em vista que a mesma é uma coisa ou **mercadoria**. Enquanto as sociedades camponesas formam um **modelo relacional** entre as categorias, relações sociais e pessoas, as sociedades modernas formam um **modelo individual** constituído por um **agregado de indivíduos** em contrato.

[...] Neste último tipo de sociedade, as três categorias acima referidas existem, mas elas podem ser separadamente umas das outras: a terra não é pensada em função da família e do trabalho, mas em si mesma, como uma coisa ou uma mercadoria. A família é também pensada em si, sem relação com o trabalho ou a terra, o mesmo acontecendo com o trabalho, que pode mesmo ser pensado como uma abstração, como um “fator”. Temos, então, no primeiro caso um **modelo relacional** e, no segundo, um **modelo individual**, tanto no plano das categorias, como no plano das relações sociais e das pessoas: estas são, nas sociedades camponesas, **seres relacionais** constituídos pela totalidade e, nas sociedades modernas, **seres individuais** constituintes da totalidade, vista esta como agregado de indivíduos “em contrato”. (WOORTMANN, 1990, p. 23-24, grifo do autor).

Essas categorias **terra, trabalho e família**, integrados a outros conceitos como **honra, reciprocidade e hierarquia**, não podem ser pensados separadamente porque as mesmas formam um **modo de vida** e este é concebido **holisticamente**. O conjunto dessas categorias em interação constitui o que Klass Woortmann denominou de **campesinidade**. Em suas palavras:

Terra, trabalho família e outras categorias culturais aqui consideradas se interpenetram e não podem ser consideradas separadamente. Pensar trabalho é pensar terra e família;



pensar troca é pensar pai, uma vez que a troca se faz entre pai e família, enquanto pessoas morais, e não entre indivíduos. **Não são pensadas separadamente porque são categorias de um universo concebido holisticamente.** Por outro lado, pelo menos no contexto deste meu trabalho, **honra, reciprocidade e hierarquia** também não se pensam separadamente; são conceitos teóricos que se interpenetram na constituição da **ordem moral** que chamo de **campesinidade**. (1990, p. 63, grifo nosso).

A **campesinidade** é uma qualidade comum a diferentes grupos específicos, presentes em maior ou menor grau em distintos lugares e tempos (ALMEIDA, 2006a). Ela expressa a importância de valores da **ética camponesa**. O grau de campesinidade depende da forma de integração à sociedade moderna-capitalista (MARQUES, 2008a). Essa campesinidade, presente nos **sitiantes, colonos, agregados, caboclos** ou **agricultores**, apresentam especificidades, que configuram uma **ordem moral**, um **modo de ser**, que se contrapõe à **ordem da modernidade** (WOORTMANN, 1990).

Relacionado a estas categorias nucleantes está o conceito de **comida**. A comida é o elemento central da produção e do consumo que são realizados na interdependência entre terra, família e trabalho. Por isso, estas são “[...] categorias centrais do discurso camponês e expressam uma moral entre os homens e deles com a natureza [...]”. (WOORTMANN, 1990, p. 37). Para pensar a produção camponesa, temos que pensar em primeiro lugar na produção da **comida**. Como relata A, militante do Movimento de Pequenos Agricultores, “[...] a gente tem produção de leite, frutas, café, mel de abelha, inserindo também agora peixe, né, *tamo* querendo trabalhar com galinha caipira também, enfim, *pra* diversificar a renda da família e sair da lógica do monocultivo, né”. (ENFF, Jul. 2010). Apesar de a produção de alimentos ser o objetivo do campesinato, E, militante do MST, faz uma ressalva: “[...] a tarefa dele é produzir alimentos, não como já servimos uma vez, no modelo de industrialização, produzir alimento *pra* vender barato lá *pros* operário *pra* poder os salário dos operário também ser mais baixo, não é nesse sentido. (ENFF, Jul. 2010).



A comida significa em primeiro lugar a reprodução material camponesa, todavia, sua importância ultrapassa a sua materialidade. Tem a ver com a hierarquia, ou seja, a função que o pai cumpre na manutenção da família. A relação da comida, com a terra, o trabalho e a família é a seguinte: a comida é a fonte de reprodução familiar conseguida por meio do trabalho na terra. Dito de outra forma:

A comida é o elemento central na produção camponesa, dotada de uma espécie de linguagem simbólica: a sua existência têm primeiramente, uma relação direta com a autoridade do pai, pela manutenção da família. Logo, comida é mais que comida como alimento; na verdade sua representação social está diretamente ligada ao papel do pai na família e, portanto, a hierarquia. Por outro lado, comida é fartura quando se tem para comer e para oferecer aos amigos; assim, é comida que necessariamente passam os laços de solidariedade. A comida é fonte de vida, terra é mãe que a fornece por meio do trabalho. (ALMEIDA; PAULINO, 2010, p. 39, grifo nosso).

É por meio da produção de alimentos também, que se estabelecem laços de **solidariedade** e de **sociabilidade** com a comunidade. De uma maneira simbólica, ao oferecer os alimentos de sua produção a outros, se estabelecem vínculos com aqueles a quem considera. Dessa forma, “[...] **terra e alimento** estão de tal forma imbricados, que falar de um remete necessariamente ao outro, bem como às formas de **sociabilidade e solidariedade** oriundas dessa articulação”. (ALMEIDA; PAULINO, 2010, p. 40, grifo nosso). Por isso que “**com parente não se negocia**”, a troca e a reciprocidade entre os iguais divergem da lógica do **negócio**, da compra e venda do capitalismo.

A interação das categorias nucleantes - terra, família e trabalho, com alguns conceitos que se relacionam: hierarquia, comida, solidariedade, reciprocidade etc., dão uma configuração a terra camponesa, não apenas como terra de trabalho, mas também como “[...] **moradia da vida**, lugar dos animais de estimação, do pomar, da horta e do jardim, é a terra, onde o grupo familiar se reproduz por meio do auto-consumo”. (ALMEIDA; PAULINO, 2010, p. 40, grifo dos autores). Nesta perspectiva, se faz necessário acrescentar



estes elementos subjetivos da economia doméstica na lógica econômica do trabalho-consumo, desvendada por Chayanov nas unidades de exploração familiar (ALMEIDA; PAULINO, 2010).

No que concerne as subjetividades presentes na organização da economia camponesa, existe uma relação com os animais em seus territórios que não é somente econômica. O nascimento, crescimento e morte dos animais é uma experiência do cotidiano dos camponeses. Eles assistem aos ciclos da vida dos animais durante sua vida inteira. Presenciam o nascimento, por meio dos ovos das aves e, muitas vezes, ajudam no parto, no caso de mamíferos como vacas e éguas. Nesse relacionamento, os animais passam a ter valores diferentes, ou seja, existem os animais que são de estimação como gatos, cachorros, cavalos e os bois carreiros e de arado. Por esses animais todos revelam um carinho muito grande, tem nomes, é como se fossem da família. Já existem aqueles animais que têm valor apenas de troca ou para a subsistência como galinhas, porcos, novilhos, gado de corte etc., estes são vendidos e/ou mortos quando é o momento certo. Neste sentido, existe um controle da vida dos animais de acordo com o seu valor de troca ou valor subjetivo/afetivo (BRANDÃO, 1999; CAMACHO, 2008).

Defendendo a perspectiva da cultura como algo identificador do camponês, V, militante do MST, diz que o que define o camponês é o vínculo com a terra – **mexer com a terra** – onde o elemento principal é a **produção de alimentos**. Existe uma forma cultural de se relacionar com a **natureza** e os **animais**, além de valorizar objetos que marcam a sua cultura como o “fogão à lenha”.

[...] **ser camponês** é ter um **vínculo com a terra**, né, você ter uma relação de sobrevivência daquilo que vai fazer, que é **mexer com terra, tá próximo da natureza**, ter uma **cultura** relacionada àquele homem do campo que tem um **fogão à lenha**, que gosta de **criar seus animais**, que **produz a maior parte dos seus alimentos** né. Mas acho que assim, ligado à cultura, ao vínculo que você tem com a terra e o que você produz e o que você faz ali. (UNESP, Jan. 2011).



O camponês tem uma forma de enxergar a plantação de alimentos que se diferencia do citadino, tendo em vista que vê nela a sua realização do trabalho. Assim, o cultivo de alimentos expressa uma subjetividade que vai além da simples reprodução física do indivíduo. E quando a recriação camponesa se realiza na luta esta característica passa ser elemento de afirmação da identidade camponesa. É isso que conta L, militante do MST da região de Andradina, ao falar de sua emoção ao ver a sua primeira plantação.

[...] quando a gente veio *pra* terra depois de três anos que a gente *tava* na cidade, quase quatro anos, três anos e pouquinho, e a gente veio e a gente conseguiu **entrar na terra** depois de seis meses de **luta**, a gente ocupou, ficou lá dentro, começou a **plantar**. Quando eu comecei a ver as **primeiras plantações**, principalmente naqueles dias de chuva que você chega, você sente o **cheiro da terra, da planta, do milho, do feijão, da lavoura no geral assim, você sente uma felicidade que é inexplicável, que as pessoas não consegue às vezes entender**. Eu senti isso e sempre falo isso, né, naquele primeiro dia que eu cheguei lá eu cheguei sozinho na roça, era uma roça coletiva, mas eu fui sozinho lá, *tava* chovendo, um dia chuvoso, eu fui pra lá e vi aquele verde, tudo bonito, aquele vento, aquela brisa assim, e as folhas abanando e tudo, eu senti uma vontade de chorar de emoção inclusive de *tá* ali no meio daquelas plantações e tal. Então eu **sinto que eu sou um camponês**. (ENFF, Jul. 2010).

Esta característica inerente ao campesinato faz com que estes sujeitos sejam importantes para toda a sociedade, pois todos nós necessitamos do excedente da produção camponesa para a alimentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os **camponeses** representam uma diversidade de formas sociais cujo modo de vida está baseado no trabalho na terra executado pela família, sendo que o acesso a terra pode se dá de distintas formas, originando: o posseiro, o parceiro, o foreiro, o arrendatário, o pequeno proprietário, o assentado etc. Desse modo, entendemos que o campesinato é um modo de vida que se reproduz por meio da **tríade Terra-Família-Trabalho**. Elementos estes que se encontram interligados de maneira holística e interdependente, tendo em vista



que estes para o campesinato não tem conotação mercadológica, mas de reprodução material e simbólica da família.

Defendemos aqui que o **modo de vida camponês** não é tipicamente capitalista, pois não tem como fundamento principal a **acumulação**, mas sim a **ajuda mútua**. Seu princípio fundamental é a **reprodução material e cultural familiar**, por meio da produção para subsistência e a venda do excedente dessa produção. Entendemos que o campesinato pode continuar se reproduzindo enquanto um **modo de vida não-capitalista**. As transformações na sociedade de mercado não retiram essas características que lhes são inerentes. Isto não significa que estes não estejam inclusos de modo subalterno ao modo de produção vigente, mas este fato não retira suas características não-capitalistas que são a essência da lógica do modo de vida do campesinato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; PAULINO, Eliane Tomiasi. Fundamentos teóricos para o entendimento da questão agrária: breves considerações. **Revista Geografia**, Londrina, v.9, n.2, p. 113-127, jul./dez. 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. O conceito de classe camponesa em questão. **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB, ano 19, v. 2, n.21, p. 73-88, jul./dez. 2003.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de (Org.). **Pequeno glossário da questão agrária**. Três Lagoas, 2004. Mimeografado.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **(Re) criação do campesinato, identidade e distinção: a luta pela terra e o habitus de classe**. São Paulo: UNESP, 2006a.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. A herança da terra no trabalho com fontes orais. In: BORGES, Maria Celma; OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de. (Org.). **Cultura, trabalho e memória: faces da pesquisa em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 2006b. p.155-187.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de; PAULINO, Eliane Tomiasi. **Terra e território: a questão camponesa no capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sobre a tradicionalidade rural que há em nós. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de; MARQUES, Marta Inês Medeiros (org.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa amarela; Paz e Terra, 2004. p. 121-131.



CAMACHO, Rodrigo Simão. **O ensino da geografia e a questão agrária nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2008. 462 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2008.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Paradigmas em disputa na educação do campo**. 2014. 806 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Departamento de Geografia, Presidente Prudente, 2014

CHAYANOV, Alexander V. **La organización da la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Revista Terra Livre**: geografia, movimentos sociais e teoria, São Paulo: AGB, ano 18, v. 2, n. 19. p. 95-111, jul./dez. 2002.

MARQUES, Marta Inês Medeiro. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de; MARQUES, Marta Inês Medeiros (Org.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa amarela; Paz e Terra, 2004, p. 145-164.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês, **Revista Nera**, Presidente Prudente: Unesp, ano 11, n. 12, p. 57-67, jan./jun. 2008a.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. Agricultura e camponato no mundo e no Brasil: um renovado desafio à reflexão teórica. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson. (Orgs.). **Camponato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular; Presidente Prudente: Unesp - Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008b. p. 49-78. (Geografia em Movimento).

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Ática, 1986.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, Presidente Prudente: Unesp, ano 8, n. 7, p. 1-21, jul./dez. 2005.

SHANIN, Teodor. Lições camponesas. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson. (Orgs.). **Camponato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular; Presidente Prudente: Unesp - Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 23-29. (Geografia em Movimento).

WOORTMANN, Klaas. Com parente não se negoceia: o camponato como ordem moral. **Anuário antropológico**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 87, p. 11-73, 1990.